

Planejamento

Produção planejada garante bons resultados

Estabelecer metas ajuda o produtor a reduzir custos e otimizar ganhos

Mônica Costa

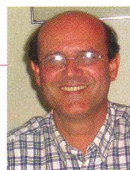
O retorno financeiro com a venda do leite, objetivo principal da atividade, depende de fatores macroeconômicos, cujo controle foge ao alcance do produtor. Mas, da porteira para dentro, cabe ao bom gestor administrar os riscos, reduzir os erros e otimizar os recursos e estratégias para aumentar a produtividade do rebanho. Nesse sentido, o planejamento das atividades e o estabelecimento de metas é fundamental. Alimentação, capacidade reprodutiva e estrutura do rebanho, instalações da propriedade, condições de pastagem, de manejo e clima influenciam diretamente no desempenho da produção. Por isso, deve-se analisar criteriosamente cada um desses fatores.

Feito isso, o primeiro passo é cuidar do pasto. “Muitas vezes, o baixo rendimento na produção leiteira é reflexo da falta de alimento para as vacas. Se a propriedade tem uma pastagem que não está sustentando o gado é porque o pasto não recebeu os cuidados necessários”, diz Marco Antônio Penati, engenheiro agrônomo e coordenador do Centro de Treinamento de RH do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP, em Piracicaba, SP.

Recuperar o pasto é mais viável que começar uma nova pastagem. Por isso, o produtor deve recorrer à análise do solo para saber quais são as deficiências nutritivas do terreno e qual será a quantidade de calagem e adubo necessária ao aumento da fertilidade. “Uma boa aduba-

ção pode aumentar o potencial da pastagem e, depois, de acordo com os objetivos do pecuarista, ele pode trocar por outra forrageira”, explica o coordenador do CTRH, da Esalq/USP.

O nível de fertilidade do pasto é uma decisão do produtor. Um pasto de alta fertilidade, capaz de produzir mais de 30 toneladas de massa seca/ha, suporta uma lotação acima de 12 animais por hectare. Mas a capacidade máxima de lotação só deve ser praticada pelos que têm grandes rebanhos ou uma área de pasto muito pequena. “Para um rebanho com 30 animais em uma área de 5 ha, por exemplo, o auge da eficiência poderá ser alcançada com uma lotação de 6 vacas/ha”, diz Penati. O aumento do nível de fertilidade



do pasto depende da espécie de forrageira, do nível de suplementação e do manejo da terra entre outros. Cada um destes fatores exige estudo e avaliação, além de mão de obra e recursos financeiros.

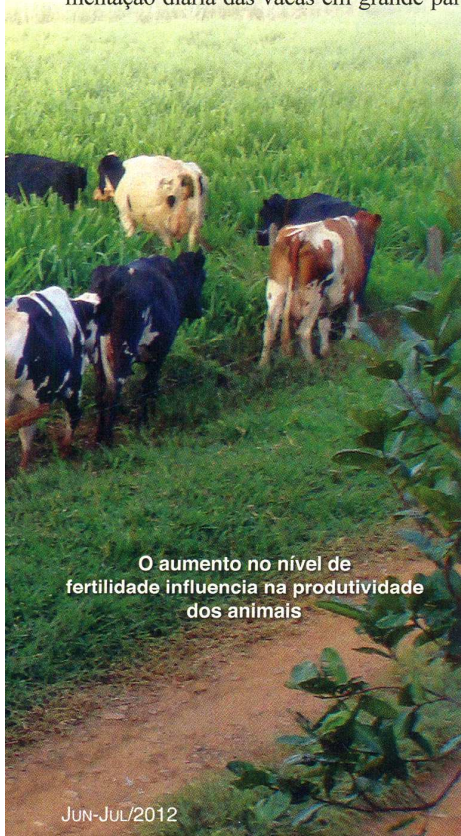
A utilização de pastagens tropicais tem possibilitado a exploração de plantas altamente produtivas. “As plantas das famílias Panicum (capim Mombaça, Tanzânia, Tobiata, entre outros), Cynodon (Tifton, Jiggs, Coast-Cross, entre outros) e Braquiárias (como a Brizantha e a MG4) apresentam acima de 15% de teor proteico e mais de 60% de teor energético”, aponta



Marcelo de Rezende, engenheiro agrônomo e coordenador técnico da Cooperativa para Inovação e Desenvolvimento da Atividade Leiteira (Cooperideal), de Londrina, PR.

Cuidados na seca

Segundo Marcos Neves Pereira, médico veterinário e professor associado da Universidade Federal de Lavras (UFL), MG, os maiores custos para manter a alimentação diária das vacas em grande par-



O aumento no nível de fertilidade influencia na produtividade dos animais

JUN-JUL/2012

Planejar o pasto é muito importante. Com frequência, o baixo rendimento na produção leiteira deve-se à falta de alimento para as vacas.

te das fazendas situadas no Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil ocorrem na época da seca. Para reduzi-los, o produtor pode investir nas plantas de inverno (aveia e azevém) em sistema de sobressemeadura, o que permite a exploração das mesmas áreas o ano todo, intensificando o uso da terra, principalmente nos locais onde se utiliza a irrigação de pastagem. Outra alternativa é plantio da cana-de-açúcar como silagem para o período seco do ano. Seu alto potencial produtivo viabiliza a produção de muita forragem em pequenas áreas.

Penati lembra que o produtor deve aproveitar a época da seca para iniciar o processo de amostragem do solo e de aplicação do calcário no terreno, que estará pronto para receber o adubo na época das chuvas (setembro/outubro). “Na safra seguinte, a propriedade já terá um pasto de melhor qualidade”. O período da seca também é o mais adequado para montar a divisão do pasto. O número de piquetes pode variar de 15 a 30 módulos. No pasto mais adubado haverá menos piquetes. “O produtor que usou menos adubo deve trabalhar com mais piquetes, pois o capim demorará mais tempo para crescer e precisará de um período maior de descanso”, continua Penati.

Como os rebanhos leiteiros normalmente são divididos em lotes, de acordo com a produção individual de cada animal, os módulos de pastejo mais próximos da sala de ordenha recebem os animais mais produtivos da fazenda naquele momento. Os animais em final de lactação e as vacas secas pastam piquetes mais distantes por apresentarem menor exigência nutricional e de manejo. Nessa fase também deve-se definir a localização dos bebedouros, do cocho de sal e das áreas de sombreamento e de descanso dos animais. “Com o plane-

jamento, o produtor terá uma ideia clara do que é mais importante para alcançar o sucesso da propriedade” diz Penati.

Ganhos de escala

“A produção de leite deve almejar ganhos de produtividade mensurados a partir da média de produção leiteira, por hectare, ao longo do ano, em uma propriedade”, afirma o coordenador da Cooperideal. Para saber se a propriedade é lucrativa, multiplica-se o volume de leite produzido por hectare em um ano pela margem de lucro por litro. Por exemplo: se a produtividade obtida na propriedade é de 20 mil litros/ha/ano e a margem de lucro por litro produzido é R\$ 0,15, então o ganho por ha/ano na atividade leiteira será de R\$ 3 mil (20 mil litros x R\$ 0,15). “Esse resultado deve ser comparado com atividades concorrentes para avaliar qual delas apresenta o melhor desempenho”, diz Rezende.

Um rebanho estruturado deve ter cerca de 65% de vacas em sua composição e o restante (35%) composto por bezerras e novilhas para que não haja sobrecarga de animais em recria sobre aqueles que geram renda na fazenda. “A receita da propriedade depende do volume de leite produzido, para assegurar os lucros da atividade, 80% das vacas em idade reprodutiva devem estar em lactação”, enfatiza

Economia com concentrado

Estratégias para a redução no custo de concentrados por litro de leite:

- Vacas mais produtivas diluem o custo nutricional da manutenção e são mais eficientes biologicamente.
- Forrageiras de alta qualidade (digestibilidade) reduzem a necessidade de alimentos concentrados por unidade de leite produzido.
- A compra eficiente de concentrados ou o cultivo de concentrados na fazenda pode reduzir o custo por unidade de concentrado.

o técnico da Cooperideal. A divisão em categorias auxiliará também no estabelecimento do regime de alimentação e de outras práticas de manejo – como vacinação, sanidade, reprodução – para cada uma das categorias.

Compra de insumos

De acordo com Sérgio Soares, médico veterinário e coordenador de assistência técnica em pecuária leiteira do Rehagro, empresa de treinamento e capacitação do agronegócio, sediada em Belo Horizonte, MG, a substituição de insumos na composição alimentar do gado ainda é pouco realizada pelos produtores brasileiros. “Entender as propriedades nutricionais dos diversos alimentos é imprescindível para realizar comparações entre eles. Nem sempre os alimentos mais baratos são os mais rentáveis”, alerta.

A composição broncológica (proteína, energia, fibra, degradação ruminal, teor de aminoácidos, teor de minerais,

entre outros) deve ser considerada no momento da troca, pois essas informações serão utilizadas na composição da dieta. Importante também observar a disponibilidade do insumo, pois muitos produtos estão disponíveis somente em determinadas regiões do país. Nos períodos de alta no preço do milho, o produtor pode optar, por exemplo, pela polpa cítrica para compor a ração do rebanho.

Tese de mestrado apresentada, em 2004, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), MG, comprovou que a substituição de 100% do milho pela polpa cítrica na ração de vacas com produção diária de até 20 litros por dia não afetou a produção leiteira. Já levantamento realizado pelo Departamento de Zootecnia da Esalq/USP Piracicaba, SP, mostrou que, para as matrizes de alta produção – acima de 30 l/dia

Salto na produtividade

A intensificação das pastagens fez o produtor Israel de Souza voltar a acreditar na capacidade de produção do sítio da família em Tamarana, PR. “Eu não cuidava do pasto e soltava as vacas numa área de mais de 13 hectares. Os animais sofriam com a falta de comida e acabavam comendo a roça do vizinho”, conta Souza. O rebanho no sítio Araújo era formado por 60 animais da raça Girolando, mas apenas 21 vacas estavam em lactação. A partir de 2009, com a orientação de profissionais, o produtor implantou o sistema rotacionado e passou a anotar todas as ações no trato com os animais.

Após a análise do solo, o produtor fez as correções necessárias e optou pela mombaça para aumentar a produtividade do pasto. Uma área de 1,8 ha foi dividida em 28 piquetes e o rebanho passou a dispor de alimento o mês inteiro. No verão, a capacidade de lotação da pastagem chega a 18 animais por

hectare. O pecuarista manteve o tamanho do rebanho estável em 60 animais, mas a proporção de vacas em lactação aumentou para 33. A produção diária de leite saltou de 140 litros, no final de 2009, para mais de 500 litros em fevereiro de 2012.

Com a liberação de mais de 10 ha, Souza investiu no plantio de cana de açúcar para garantir a silagem do rebanho no inverno. A área também foi aproveitada para o cultivo de milho e sorgo. As adequações no sítio exigiram poucos investimentos e muita disciplina. “Antes eu vivia endividado e já pensava em comprar as vacas do vizinho, porque elas produziam mais que as minhas”, lembra o produtor. Agora, com o planejamento da produção, Souza já contabiliza os lucros. “Com o resultado da venda do leite esse ano, vou aumentar o pasto com tifton e mombaça e montar mais 20 piquetes para abrigar mais vacas e ampliar a produção”, revela.



Souza: vou aumentar o pasto e colocar mais vacas.



Por falta de alimento, os animais procuravam o pasto do sítio vizinho.



Com a intensificação das pastagens, as vacas têm comida o ano todo.

– o nível de substituição de milho por polpa cítrica deve ser mantido em 25%. Acima desse valor, houve queda na produção de leite, no teor de gordura e proteína.

A polpa cítrica possui cerca de 80% do valor energético do milho e, assim como o grão, tem baixo teor de proteína. “Geralmente, a tonelada desse subproduto é mais barata. Se o pecuarista tiver fácil acesso, a troca é recomendada também pelos benefícios à saúde da vaca” diz Soares. O teor de amido é bastante baixo na polpa e o seu principal carboidrato, a pectina, reduz o nível de PH no rúmen animal e ajuda a evitar doenças como a acidose e a laminite.

Outra alternativa para reduzir custos com alimentação são as compras coletivas. Em Palma, na Zona da Mata mineira, o extensionista da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

Substituir insumos por ingredientes equivalentes na composição alimentar e fazer compras coletivas são alternativas para reduzir custos com comida.

(Emater-MG), João Guilherme Marchito, iniciou em 2005 um projeto de compra conjunta com agricultores familiares do município. São cerca de 30 produtores, com rebanhos entre 15 e 20 animais, que se organizaram para comprar caroço de algodão, calcário e adubo. O grupo, sob a orientação de Mar-

chito, adquire os insumos no período da safra do produto. “Encomendo o caroço de algodão no final de maio porque é o período de início da colheita do algodão na Bahia”, diz o extensionista.

À tonelada do caroço na região de Palmas está cotada em R\$ 950,00 em média. Na compra coletiva, incluindo o frete, os produtores pagarão R\$ 620,00, economia de 35%. No primeiro ano, os pecuaristas encomendaram 14 toneladas do insumo, em 2012 o volume deve superar 90 toneladas. “O caroço de algodão tem alto valor protéico, ajuda a complementar a alimentação do gado e, com preços competitivos, o produtor economiza para investir na produção”, afirma Marchito. Os fertilizantes são adquiridos entre abril e julho, período seguinte ao final das safras na região Sudeste. ■